

A PRODUÇÃO DO FONEMA /R/ NO CENTRO-OESTE MINEIRO: ASPECTOS SOCIAIS

Juraci da Silva Carmo (POSLETRAS e UFOP)

jusilva0797@yahoo.com.br

Clézio Roberto Gonçalves (UFBA e UFOP)

cleziorob@gmail.com

RESUMO

O fonema /R/ no português brasileiro possui grande diversidade de realizações e sua variedade retroflexa está entre as que mais despertam atenção e interesse de pesquisadores. Em Minas Gerais, os pontos onde se concentram as mais significantes manifestações do /ɹ/ retroflexo compreendem uma área contínua no Sul do Estado, região limítrofe com São Paulo e outra no extremo Oeste, na região do Triângulo Mineiro, contígua ao Norte do Estado de São Paulo. No entanto, trabalhos mostram que as manifestações do /ɹ/ retroflexo em Minas Gerais não se restringem às duas regiões acima citadas. Cidades do centro-oeste do estado, como Divinópolis, Itaúna, Carmo do Cajuru, Pará de Minas, Piumhi e Itatiaiuçu, por exemplo, incorporaram à sua fala, essa variedade do fonema /R/. Aliás, é possível dizer que naquela região de Minas, o /ɹ/ retroflexo é a modalidade mais utilizada em coda silábica. Quais seriam as possíveis razões para tal comportamento do fonema /R/ naquela região, mais especificamente em Itaguara (MG) e Itaúna (MG)? O presente trabalho – embasado na Teoria da Variação e Mudança Linguística, cujo maior expoente é o americano William Labov – analisa os possíveis aspectos sociais responsáveis pela presença do // retroflexo naquelas cidades. Tendo em vista que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana, é possível perceber outras variantes do fonema R, além do /ɹ/ retroflexo, na fala dos moradores de Itaguara (MG) e Itaúna (MG). A Teoria da Variação e Mudança, novamente, explica as razões pelas quais o falante opta por uma ou outra variedade do fonema /R/, considerando os fatores sociais envolvidos na fala analisada. Enfim, este trabalho, nesse recorte, foca nos aspectos sociais da pesquisa realizada sobre a produção do fonema /R/ no centro-oeste mineiro.

Palavras-chave:

Fala. Fonema /R/. Itaguara (MG). Itaúna (MG). Variação.

1. Introdução

Esta pesquisa, conforme apresentado no resumo acima, trata da produção do fonema /R/ em final de sílaba nas cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG). O trabalho parte de uma constatação assistemática – conversa informal com moradores de cada cidade – na qual foi possível observar um comportamento bastante curioso: os moradores de Itaúna (MG) utilizam amplamente em sua fala a realização retroflexa do fonema /R/; já em Itaguara (MG) o mesmo não acontece, ou seja, ainda que haja a produção do fonema /R/ na fala dos moradores de Itaguara (MG), ela

não é tão comum como na fala dos moradores de Itaúna (MG). Tendo as cidades relações próximas, o mais comum seria que compartilhassem dos mesmos traços linguísticos, pois, como comprova Labov (2008 [1972]), língua e relações sociais são indissociáveis. O objetivo geral do trabalho foi descrever o falar das cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG), no que se refere à realização do fonema /R/, procurando explicar essa realização a partir do arcabouço teórico da Sociolinguística Laboviana. Para a execução da pesquisa, foi adotado como modelo teórico-metodológico a *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, também conhecida por *Sociolinguística Quantitativa*. Já para as análises fonêmicas, foi utilizado o *Modelo Fonêmico* como aporte teórico. Foram selecionados 20 informantes – 5 mulheres e 5 homens em cada uma das cidades – e os métodos utilizados para a coleta de dados foram a narrativa oral espontânea e a entrevista. A gravação dos dados foi feita com a utilização de um gravador digital e sua audição com a utilização do software PRAAT, que permite, entre outras coisas, analisar acusticamente a voz e fazer edições e sínteses de fala. Os resultados da pesquisa confirmaram o que já havia sido percebido assistematicamente: o fonema /R/ retroflexo tem alta frequência na fala dos moradores de Itaúna (MG); já em Itaguara (MG), o fonema tem uma alternância maior com outras variantes do fonema /R/, principalmente com a fricativa glotal desvozeada [h]. Além disso, a pesquisa permitiu perceber que pode haver em Itaguara (MG) uma mudança em progresso, ou seja, é possível que o fonema /R/ retroflexo deixe de ser utilizado pelos moradores de Itaguara (MG), já que sua frequência tem sido cada vez menor.

Para este artigo, com o recorte que foi feito, selecionamos, apenas, os resultados relacionados aos aspectos de gênero e localização geográfica.

2. *A Teoria Laboviana*

A Teoria Laboviana teve sua consolidação a partir dos anos sessenta – a primeira apresentação oficial sobre seus fundamentos foi em um Simpósio na Universidade do Texas, no verão de 1966. Naquela ocasião, Labov e outros dois professores da Columbia University de Nova York – Uriel Weinreich e Marvin I. Herzog – apresentaram o ensaio intitulado *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. A Teoria Variacionista, ou *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, como o próprio nome sugere, tem como objeto de estudo as variações inerentes a

qualquer língua. O ponto fundamental nessa abordagem, proposta pelo americano William Labov, é a presença do componente social na análise linguística. De acordo com Labov (2008 [1972]), língua e sociedade são indissociáveis; dessa maneira, é impensável a possibilidade de teoria e prática linguísticas desvinculadas do contexto social no qual a língua é usada. Labov considera, inclusive, que o uso do termo *sociolinguística* é redundante, já que ele implicaria a possibilidade de haver êxito em teoria e prática linguísticas que não fossem sociais.

De acordo com a Teoria Laboviana, todas as línguas são naturalmente dinâmicas e isso faz com que sejam também heterogêneas. Assim, é possível existirem formas distintas, mas semanticamente semelhantes, nos vários níveis da língua: vocabular, sintático, morfossintático, fonético-fonológico, ou até mesmo pragmático-discursivo. Um exemplo disso seria a produção da fricativa glotal desvozeada [h]¹ pelos belo-horizontinos, o tepe[r] pelos paulistanos e o retroflexo [ɹ] por rio-pretenses na realização do fonema /r/ em palavras como *carta*. Ou ainda, as diversas possibilidades de nomes que poderão ser ditos quando um falante se refere a uma criança do gênero masculino: *menino, garoto, guri, moleque*. Segundo a Teoria Laboviana, essa heterogeneidade linguística, ao contrário do que possa parecer, não é caótica, mas sim ordenada, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Ao sociolinguista cabe analisar e aprender a sistematizar essas “diversas formas de se dizer a mesma coisa dentro de um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1990), denominadas *variantes linguísticas* pela Teoria Variacionista.

Se há, como dito, formas diversas de se produzir o mesmo enunciado com o mesmo sentido, o falante optará por uma dessas formas. E é justamente nessas opções que o pesquisador irá trabalhar. O sociolinguista analisa as escolhas do falante e as forças motivadoras ou como diz Tarallo (1990), fatores condicionadores para que elas sejam feitas e as sistematiza dentro do código linguístico e social daquela comunidade à qual o falante pertence.

Para empreender análises linguísticas socialmente contextualizadas, a Teoria Variacionista trabalha com os conceitos de *variedade, variação, variável* e *variantes* linguísticas. Os indivíduos se relacionam entre si através de grupos, ou seja, vão à escola, ao trabalho, convivem com

²⁹ Os símbolos usados entre colchetes transcrevem sons da fala e foram usados de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional.

seus familiares, vão à igreja. Em cada um desses grupos há formas características de utilizar a língua, e essas são compartilhadas pelos falantes – que as conhecem bem –, são como uma espécie de código que as pessoas aprendem ao ingressar no grupo. A fala característica de cada um dos grupos do qual o falante faz parte é denominada *variedade* pela Sociolinguística. Assim, existe a variedade linguística da escola, do trabalho, da família e de qualquer outro grupo do qual o falante faça parte. Para a Sociolinguística Variacionista, *falar* e *dialeto* são sinônimos de *variedade*. Dentro de um mesmo grupo, pode ocorrer de duas ou mais formas linguísticas serem utilizadas com o mesmo significado; assim, se dentro do grupo familiar, por exemplo, um falante é escolarizado e outro não, é compreensível que o falante que frequenta a escola apresente, em sua fala, maior ocorrência de concordância entre verbo e sujeito do que aquele que nunca foi à escola. À ocorrência de duas ou mais formas utilizadas com o mesmo significado dentro de um grupo, a Sociolinguística dá o nome de *variação*, já as formas em variação são denominadas *variantes*. Uma *variável* linguística, nesse contexto, é o lugar na gramática em que se localiza a *variação*, ou seja, no caso da concordância entre verbo e sujeito, por exemplo, a gramática normativa da língua portuguesa diz que “havendo um só núcleo (sujeito simples), com ele concorda o verbo em pessoa e número” (ROCHA LIMA, 1994 [1972]). Os falantes, portanto, fazem essa regra variar quando escolhem a forma a ser utilizada (fazendo concordância verbal, ou não).

A Teoria Variacionista, como já dito, tem por objeto de estudo a variação linguística. Dessa maneira, o sociolinguista variacionista tenta, através de seus estudos, compreender os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala – conceito a ser explicado posteriormente – e os formaliza de maneira analítica através de um sistema heterogêneo, que é constituído por unidades e regras variáveis.

De acordo com Mollica (2015), todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Esse é um dos princípios básicos da Teoria Variacionista. Qualquer língua, por ser utilizada por falantes reais, é passível de variação e consequentemente, dotada de heterogeneidade. No entanto a heterogeneidade linguística não é caótica, assistemática, como se costumava pensar, mas sim regida por regras próprias de cada comunidade de fala da qual o falante participa.

Somos seres sociais, vivemos constantemente em contato com outros seres e, para nos comunicar, utilizamos a língua e seus recursos. Para que a comunicação aconteça de maneira efetiva, é necessário que os falantes se compreendam e, para que haja compreensão mútua entre os falantes, é necessário que haja regras linguísticas. As regras de uma comunidade real de fala não são estáticas e categóricas, as regras de um sistema linguístico variável são regras também variáveis.

Quando um falante opta pelo uso de uma ou outra forma linguística, ele não o faz de forma aleatória, mas sim obedecendo a algum(ns) critério(s) que reflete(m) sua identidade linguística. É comum, por exemplo, que ao marcar o plural no português brasileiro alguns falantes utilizem construções do tipo:

(1) Os meninoø² feioø.

Outros falantes optam pela estrutura:

(2) Os meninos feios.

É importante salientar que um mesmo falante poderá utilizar ambas as formas, a depender do local e das companhias com as quais esteja. Isso acontece porque o falante tende a monitorar a sua fala em situações cujo grau de formalidade seja maior, e relaxar em situações mais informais de comunicação. Essa alternância de comportamento em relação ao uso da língua é reflexo da competência linguística que o falante possui.

Além do ambiente e do interlocutor, outros fatores são determinantes nas escolhas linguísticas de um falante. Tais fatores podem ser linguísticos ou extralinguísticos. Os fatores linguísticos, como o próprio nome sugere, estão relacionados ao ambiente linguístico em que a variação acontece. Um exemplo seria a produção do tepe, quando o fonema /R/ é produzido em final de palavra, precedente a vogal:

(3) Amorantigo.

Se em vez de vogal, a palavra que sucede **Amor** na construção fosse iniciada por uma consoante, o fonema /R/ poderia ter outra produção, como a retroflexão, por exemplo.

³⁰ O símboloø é utilizado neste trabalho para representar apagamentos, como no exemplo apresentado.

Os fatores extralinguísticos são todos aqueles relacionados à identidade pessoal e à vida social do falante: idade, sexo/gênero, escolaridade, nível socioeconômico, e qualquer outra atividade social desenvolvida por ele.

Retomando o exemplo da marcação do plural, é bastante provável que um falante não escolarizado utilize a construção de número 1, marcando o plural apenas no artigo, e que o falante escolarizado utilize a construção de número 2, na qual todos os elementos sofrem flexão de número.

As escolhas pessoais dos falantes, no entanto, não impedem que eles se entendam. Ambos sabem que a variação é possível. Eles somente não se entenderiam caso um deles utilizasse uma construção como:

(4) Feio menino ø.

Dizemos que enunciados como esse não são possíveis na língua portuguesa, e por essa razão são agramaticais.

É importante salientar ainda que as escolhas linguísticas também são regidas pelas noções de prestígio e estigma que as formas linguísticas carregam consigo. A comunidade de fala faz julgamentos quanto ao uso da língua pelos falantes. Normalmente, as formas inovadoras e não padrão recebem uma avaliação negativa, são estigmatizadas, já as formas conservadoras e padrão são prestigiadas na comunidade. Dessa maneira, muito provavelmente, a construção de número 2, dada como exemplo de marcação de plural no português brasileiro, será avaliada como forma de prestígio e a de número 1 será estigmatizada. Não se deve manter como regra fixa a ideia de inovação ser estigmatizada, pois pode acontecer de uma inovação ser avaliada positivamente.

Outro ponto a ser considerado em relação a estigma *versus* prestígio é a possibilidade de que mesmo o falante não escolarizado utilize a construção de número 2 para a marcação do plural na língua portuguesa. Tal comportamento é possível porque, mesmo que o falante não tenha sido escolarizado, ele sabe que determinados usos são mal vistos pelos outros falantes. Além disso, mesmo sem ter frequentado a escola, o falante tem conhecimento da existência de regras gramaticais – ainda que somente as mais recorrentes – e se esforce por utilizá-las.

Logo que nasce, o indivíduo é inserido em um contexto social e cultural pré-existente e, à medida que cresce, passa a participar de novos contextos e, conseqüentemente, a utilizar a língua de acordo com as situ-

ações e contextos nos quais se encontra. Assim, o indivíduo vai aprendendo suas funções sociais e adquirindo identidade cultural por meio do processo de comunicação. As escolhas linguísticas do falante e a capacidade que ele tem de se adequar a cada situação de comunicação corroboram a ideia de que a língua é variável e de que o falante possui competência para utilizar suas regras. Além disso, o falante é capaz de compreender usos linguísticos diferentes do seu, o que comprova, mais uma vez, a sistematicidade da heterogeneidade linguística.

Como dito, a variação é inerente às línguas. Assim, duas (ou mais) formas linguísticas, as variantes, podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo significado. Algumas vezes essas formas concorrem entre si, outras vezes elas coexistem. Quando há a concorrência entre as formas e uma se sobrepõe às demais, dizemos que aconteceu uma *mudança linguística*. A coocorrência, ou variação, não implica necessariamente mudança; as mudanças, no entanto, são sempre provenientes de variação.

Tarallo (1990) aponta duas direções distintas para formas em variação: estabilidade das formas e mudança em progresso. *A estabilidade das formas* acontece quando forma inovadora e conservadora coexistem e são utilizadas pelos falantes. Vários fatores influenciam as escolhas linguísticas do falante, portanto, ao optar por uma ou outra variante, questões como o que se diz, a quem se diz, em qual contexto se diz serão extremamente relevantes para a análise da fala.

Sendo assim, a Sociolinguística Variacionista trabalha com noções de estratificação social e considera fatores linguísticos e extralinguísticos que possam influenciar a fala dos indivíduos. Os fatores linguísticos estão relacionados diretamente à estrutura da língua, os fatores extralinguísticos dizem respeito às características sociais do falante. Já a *mudança em progresso* é quando uma das formas vai progressivamente se sobrepondo à outra, ou seja, seu uso passa a ser mais frequente entre os falantes e é possível observar uma mudança em curso na comunidade. Novamente os fatores linguísticos e extralinguísticos devem ser considerados para avaliar a mudança na comunidade de fala. Sturtevant (1947 *apud* LABOV, 2008 [1972]) diz que, antes que um fenômeno possa se difundir, é necessário que uma das formas concorrentes adquira algum tipo de prestígio. Dessa maneira, é possível dizer que os falantes optam por formas linguísticas que recebam avaliação positiva por parte de seu interlocutor.

De acordo com Labov (2008 [1972]), uma variável que mereça ser foco de um estudo sociolinguístico deve (i) ser frequente, ou seja, ocorrer com frequência na fala natural e assim poder ser mapeada em entrevistas rápidas, (ii) ser estrutural – segundo Labov, quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse da pesquisa sociolinguística – e (iii) ser altamente estratificada, ou seja, as observações iniciais do pesquisador devem sugerir distribuição assimétrica da variável nos diversos estratos da sociedade.

O sociolinguista trabalha com amostras reais de fala, coletas dentro da comunidade pesquisada. Dessa maneira é possível observar, verdadeiramente, o real estado da língua dentro daquela comunidade. Segundo Labov,

[...] a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária, por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008 [1972, p. 13])

Tendo em vista o que foi dito até aqui, torna-se imprescindível fixar os pressupostos básicos da Teoria Variacionista que norteiam este trabalho:

- a) A língua é heterogênea, portanto passível de variação e mudança;
- b) A heterogeneidade linguística não é caótica, mas sim passível de sistematização;
- c) Língua e sociedade são indissociáveis, portanto, para compreender fatos linguísticos, há que se considerar os fatos sociais;
- d) A sistematização de casos de variação é através de estratificação social.

Ao sociolinguista, portanto, cabe a tarefa de descrever as variações linguísticas para assim sistematizar as regras utilizadas pelos falantes. Tarallo (1990), importante nome da Sociolinguística no Brasil, propõe um caminho a ser percorrido pelo sociolinguista, para tal sistematização:

1. Levantamento exaustivo de dados de língua falada [...];
2. Descrição detalhada da variável [...];
3. Análise dos possíveis fatores condicionadores [...];

4. Encaixamentos da variável no sistema linguístico da comunidade [...];
5. Projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade [...].

De acordo com Tarallo (1990), feita a análise segundo os pressupostos variacionistas, o caos aparente irá desaparecer e a sistematicidade da língua irá se reforçar.

3. O fonema /R/ e a variável localização geográfica

A primeira análise social dos dados, considerou a procedência geográfica do sujeito da pesquisa e as variedades do fonema /R/ produzidas. Inicialmente, é apresentada uma tabela com os percentuais de todas as variantes do fonema /R/ identificadas nos dados coletados:

Tabela 1 Variedade do fonema /R/ produzida e variável localização geográfica

Variantes do fonema /R/	Itaguara (MG)		Itaúna (MG)		Totais
	QTD	%	QTD	%	
Retroflexo	390	44%	504	56%	894
Fricativa Glotal Vozeada	171	58%	123	42%	294
Fricativa Glotal Desvozeada	273	58%	201	42%	474
Tepe	6	100%	0	0%	6
Fricativa Velar Desvozeada	12	71%	5	29%	17
Ressilabificação	83	59%	57	41%	140
Apagamento	882	49%	936	51%	1818
Totais	1.823	-	1.832	-	3.655

Como é possível observar na Tabela 1 – Variedade do fonema /R/ e variável geográfica, que compara as variantes do fonema /R/ produzidas nas cidades pesquisadas Itaguara (MG) e Itaúna (MG), ou seja, considera se há maior ou menor ocorrência das variantes de acordo com a cidade na qual os sujeitos da pesquisa residem, as variantes do fonema /R/ apresentaram as seguintes ocorrências: a variante retroflexo [ɽ] apre-

sentou 390 ocorrências, sendo 44%, em Itaguara (MG) e apresentou 504 ocorrências, sendo 56%, em Itaúna (MG); a variante fricativa glotal vozeada [h] apresentou 171 ocorrências, sendo 58%, em Itaguara (MG) e apresentou 123 ocorrências, sendo 42%, em Itaúna (MG); a variante fricativa glotal desvozeada [h̥] apresentou 273 ocorrências, sendo 58%, em Itaguara (MG) e apresentou 201, sendo 42%, em Itaúna (MG); a variante tepe [r] apresentou 6 ocorrências, sendo 100%, em Itaguara (MG) e não apresentou ocorrências em Itaúna (MG); a variante fricativa velar desvozeada [x] apresentou 12 ocorrências, sendo 71%, em Itaguara (MG) e apresentou 5 ocorrências, sendo 29%, em Itaúna (MG); a rersilabificação apresentou 83 ocorrências, sendo 59%, em Itaguara (MG) e apresentou 57 ocorrências, sendo 41%, em Itaúna (MG); a variante apagamento apresentou 882 ocorrências, sendo 49%, em Itaguara (MG) e apresentou 936 ocorrências, sendo 51%, em Itaúna (MG). A partir dos dados levantados, foram feitas análises com as variantes do fonema /R/, para que fosse possível entender como se dão as ocorrências de cada uma delas e quais são as tendências das duas cidades quanto ao uso dessas variantes.

(5) Retroflexo [ɹ]

(5a) Você eu tenho o **prazer**[pɹa'zeh] de conhecer hoje e o Reginaldo eu já conheço de longa data, eu sou amigo de seus pais, sou amigo de sua irmã. (HM1ITG)

(5b) Do **governo**[go'vehnʊ],né? É uma cidade tranquila, não tem assim muita... é... **diversificação** [divEhsifike'sāw],mas é muito tranquila para morar, cê entendeu? (HM4ITN)

Foi realizada uma análise comparando as ocorrências do retroflexo com as ocorrências de fricativas (vozeada e desvozeada) em cada uma das cidades pesquisadas. Ou seja, as ocorrências de retroflexo na cidade de Itaguara (MG) foram comparadas com as ocorrências de fricativas (vozeada e desvozeada) na cidade de Itaguara (MG) e da mesma forma as ocorrências de retroflexo na cidade de Itaúna (MG) foram comparadas com as ocorrências das fricativas (vozeada e desvozeada) na cidade de Itaúna (MG). Os gráficos 3 e 4 apresentam os percentuais das realizações do retroflexo e das fricativas nas cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG). Para confeccionar esse gráfico, foram desconsiderados a rersilabificação e os casos de apagamento, uma vez que são similares nas duas cidades e não são realmente realizações de /R/ em final de sílaba, já que

o apagamento cobre exatamente os casos de não realização e a ressilabificação leva o fonema para o início da sílaba seguinte.

Gráfico 1 – A realização do retroflexo e das fricativas na cidade de Itaguara (MG)



Gráfico 2 – A realização do retroflexo e das fricativas na cidade de Itaúna (MG)



Como é possível observar nos gráficos 1 e 2, as ocorrências da variante retroflexo atingiram o percentual de 47% na cidade de Itaguara (MG) e atingiram o percentual de 61% na cidade de Itaúna (MG). A variante fricativa, por sua vez, apresentou 53% das ocorrências na cidade de Itaguara (MG) e apresentou 39% das ocorrências em Itaúna (MG). Os resultados apresentados pelos gráficos 1 e 2 demonstram que há maior tendência ao uso das variantes fricativas na cidade de Itaguara (MG) em comparação com a variante retroflexa, e maior tendência ao uso da variante retroflexa na cidade de Itaúna (MG) em comparação com as variantes fricativas.

É possível verificar, a partir da Tabela 1– **Variabilidade do fonema /R/ produzida e variável localização geográfica** –, na página 102, que o fonema /R/ retroflexo é mais presente em Itaúna (MG). No município de Itaguara (MG) destacam-se as seguintes variantes: fricativa glotal vozeada, fricativa glotal desvozeada, tepe e fricativa velar desvozeada. Por sua vez, na fala dos moradores de Itaúna (MG) destacam-se as seguintes variantes do fonema /R/: retroflexo e apagamento. É interessante observar que embora na fala dos moradores de Itaúna (MG) haja um número de ocorrências maior que o total de ocorrências na fala dos moradores de Itaguara (MG), Itaúna (MG) apresenta um menor destaque às ocorrências das variantes fricativa glotal vozeada e fricativa glotal desvozeada. No entanto, quando se trata da variante retroflexa do fonema /R/, Itaúna (MG) apresenta maior destaque. As ocorrências do fonema /R/ nas duas cidades da pesquisa, Itaguara (MG) e Itaúna (MG), descritas na tabela 20, permitem concluir, que, portanto, que há maior tendência ao uso do

retroflexo na fala dos moradores da cidade de Itaúna (MG), já que os números apontam uma maior ocorrência dessa variante na cidade.

3. O fonema /R/ e a variáveis sexo

Por fim, as análises consideraram a variável sexo. A pesquisa trabalhou com informantes dos sexos masculino e feminino. As análises de sexo permitem que sejam observadas características peculiares, no caso desta pesquisa, da fala de homens e mulheres. A Tabela 2 – Variantes do fonema /R/ e variável gênero na cidade de Itaguara (MG) – apresenta as ocorrências das variantes do fonema /R/ na fala de mulheres e homens na cidade de Itaguara (MG):

Tabela 2 – Variantes do fonema /R/ e variável sexo na cidade de Itaguara (MG)

Variantes do fonema /R/	Mulher		Homem		Totais
	QTD	%	QTD	%	
Retroflexo	118	30%	272	70%	390
Fricativa Glotal Vozeada	89	52%	82	48%	171
Fricativa Glotal Desvozeada	142	52%	131	48%	273
Tepe	3	50%	3	50%	6
Fricativa Velar Desvozeada	5	42%	7	58%	12
Ressilabificação	32	39%	51	61%	83
Apagamento	278	32%	604	68%	882
Totais	672	-	1.151	-	1.823

Como se observa na Tabela 2 – **Variantes do fonema /R/ e variável gênero na cidade de Itaguara (MG)** –, as variantes do fonema /R/ apresentaram as seguintes ocorrências naquela cidade: a variante retroflexo [ɻ] apresentou 118 ocorrências, sendo 30%, na fala das mulheres e apresentou 272 ocorrências, sendo 70%, na fala dos homens; a variante fricativa glotal vozeada [h] apresentou 89 ocorrências, sendo 52%, na fala das mulheres e apresentou 82 ocorrências, sendo 48%, na fala dos homens; a variante fricativa glotal desvozeada [h̥] apresentou 142 ocorrências, sendo 52%, na fala das mulheres, e apresentou 131 ocorrências, sendo 48%, na fala dos homens; a variante tepe [ɾ] apresentou 3 ocorrên-

cias, sendo 50%, na fala das mulheres, e apresentou 3 ocorrências, sendo 50%, na fala dos homens; a variante fricativa velar desvozeada [x] apresentou 5 ocorrências, sendo 42%, na fala das mulheres, e apresentou 7 ocorrências, sendo 58%, na fala dos homens; a ressilabificação apresentou 32 ocorrências, sendo 39%, na fala das mulheres, e apresentou 51 ocorrências, sendo 61%, na fala dos homens; a variante apagamento [Ø] apresentou 278 ocorrências, sendo 32%, na fala das mulheres, e apresentou 604 ocorrências, sendo 68%, na fala dos homens.

A Tabela 3 – **Variantes do fonema /R/ e variável sexo na cidade de Itaúna (MG)** – apresenta as ocorrências das variantes do fonema /R/ naquela cidade:

Tabela 3 – Variantes do fonema /R/ e variável gênero na cidade de Itaúna (MG)

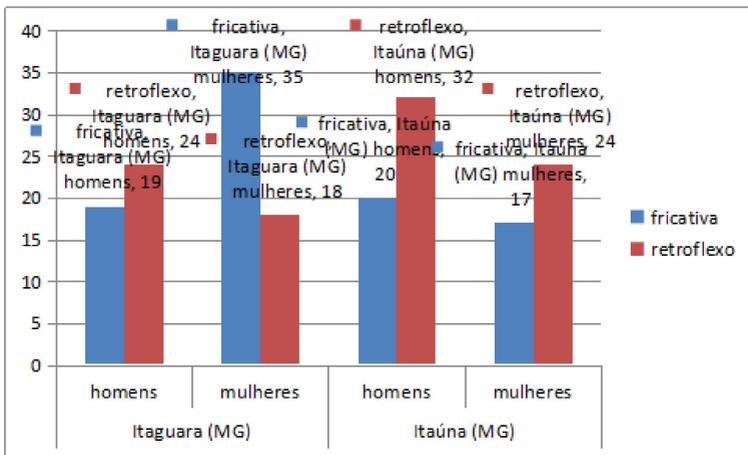
Variantes do fonema /R/	Mulher		Homem		Totais
	QTD	%	QTD	%	
Retroflexo	231	46%	273	54%	504
Fricativa Glotal Vozeada	58	47%	65	53%	123
Fricativa Glotal Desvozeada	100	50%	101	50%	201
Tepe	0	0%	0	0%	0
Fricativa Velar Desvozeada	5	100%	0	0%	5
Ressilabificação	24	42%	33	58%	57
Apagamento	546	58%	390	42%	936
Totais	970	-	862	-	1.832

Como demonstrado na Tabela 3 – **Variantes do fonema /R/ e variável sexo na cidade de Itaúna (MG)** –, as variantes do fonema /R/ apresentaram as seguintes ocorrências em Itaúna (MG): a variante retroflexo apresentou 231 ocorrências, sendo 46%, na fala das mulheres, e apresentou 273 ocorrências, sendo 54%, na fala dos homens; a variante fricativa glotal vozeada apresentou 58 ocorrências, sendo 47%, na fala das mulheres, e apresentou 65 ocorrências, sendo 53%, na fala dos homens; a variante fricativa glotal desvozeada [h] apresentou 5 ocorrências, sendo 100%, na fala das mulheres; a variante fricativa velar desvozeada [x] apresentou 5 ocorrências, sendo 100%, na fala das mulheres; a ressi-

labificação apresentou 24 ocorrências, sendo 42%, na fala das mulheres, e apresentou 33 ocorrências, sendo 58%, na fala dos homens; a variante apagamento (\emptyset) apresentou 546 ocorrências, sendo 58%, na fala das mulheres, e apresentou 390 ocorrências, sendo 42%, na fala dos homens.

O Gráfico 3 – Variantes do fonema /R/ e variável gênero nas cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG) – apresenta os percentuais das ocorrências de retroflexo e fricativa na fala de homens e mulheres nas cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG):

Gráfico 3 – Variantes do fonema /R/ e variável gênero nas cidades de Itaguara (MG) e Itaúna (MG)



Como é possível observar no gráfico 3, os homens em Itaguara(MG) tendem a produzir a variante retroflexa do fonema /R/ mais do que as mulheres: a fala dos homens apresentou 24% de ocorrências da variante retroflexa, enquanto a fala das mulheres apresentou 18% da variante retroflexa naquela cidade. A variante fricativa representa na fala dos homens moradores de Itaguara (MG) 19%, e na fala das mulheres moradoras da mesma cidade representa 35%. Em Itaúna (MG), os homens produziram 32% da variante retroflexo em sua fala e as mulheres produziram 24% da mesma variante. A variante fricativa representa na fala dos homens moradores de Itaúna (MG) 20% e na fala das mulheres moradoras da mesma cidade, a variante fricativa representa 17%.

É possível verificar a partir da Tabela 2 – **Variantes do fonema /R/ e variável gênero na cidade de Itaguara (MG)** – e da Tabela 3 – **Variantes do fonema /R/ e variável gênero na cidade de Itaúna (MG)** – que as mulheres moradoras de Itaguara (MG) usam com menos frequência que os homens, o fonema /R/ retroflexo, a fricativa velar desvozeada, a ressilabificação e o apagamento. Já os homens moradores de Itaguara (MG) utilizam com maior frequência as variantes retroflexo, fricativa velar desvozeada (ainda que com pequena diferença), ressilabificação e apagamento. Por sua vez, as mulheres residentes em Itaúna (MG) utilizam com menor frequência as variantes retroflexa, a fricativa velar vozeada, a fricativa velar desvozeada (ainda que por uma diferença mínima em relação aos homens), a ressilabificação e o apagamento. Os homens moradores da cidade de Itaúna (MG) utilizam com maior frequência do que as mulheres que ali residem, as variantes retroflexo, fricativa glotal vozeada, ressilabificação e apagamento.

Com o que foi exposto considerando as análises sociais, é possível tecer algumas considerações mais pontuais: as mulheres em Itaguara (MG) utilizam, mais do que os homens, as variantes fricativas, o que confere ao falar delas um aspecto mais inovador em relação ao dos homens. Além disso, há que se considerar casos isolados, como o da informante **ML3ITN**, que mesmo tendo nascido em Itaúna (MG) e nunca tendo vivido longe daquela cidade – segundo depoimento da própria informante –, a retroflexão do fonema /R/ não é tão comum em sua fala como acontece na fala dos outros moradores de Itaúna (MG). É bem provável que tais peculiaridades detectadas na fala dessa informante tenham feito com que os percentuais do /R/ retroflexo em Itaúna (MG) tenham baixado. Outro caso que provavelmente contribuiu com a queda dos percentuais de retroflexo na cidade de Itaúna é o do informante **HM3ITN**, que tem 62 anos, é natural de Belo Horizonte e há 25 anos vive em Itaúna (MG). **HM3ITN**, assim como **ML3ITN**, apresentou pouquíssimas ocorrências da variante retroflexa do fonema /R/ em sua fala. Os dados dos dois informantes foram mantidos na pesquisa, porque podem ser bastante relevantes para estudos futuros que considerem o tempo de residência ideal para que o falante seja considerado membro de determinada comunidade de fala. Como as indagações que deram origem a este trabalho foram plenamente sanadas mesmo que os citados informantes não tenham contribuído muito com a produção do /R/ retroflexo em sua fala, não se percebeu a necessidade de contatar novos informantes. É possível porém, que em uma continuidade desta pesquisa com a intenção de comprovar a mudança em progresso no falar de Itaguara (MG) quanto ao uso

da variante retroflexa do fonema /R/ haja a necessidade de coletar novos dados, inclusive de informantes mais jovens do que aqueles que contribuíram com esta pesquisa.

4. *Considerações Finais*

Reconhecer que a mesma língua pode ser falada de diversas maneiras, como faz o escritor português José Saramago no documentário *Língua: vidas em português*, dirigido por Victor Lopes e exibido no Brasil em 2004, é compreender que a heterogeneidade é intrínseca a qualquer língua, ou seja, diversas são as realizações possíveis para a mesma palavra ou expressão de uma determinada língua. Tais variações acontecem porque nós, falantes de qualquer língua, adequamos nossa comunicação à época, região, ou até mesmo idade e status sociocultural em que vivemos – nossos e de nossos interlocutores – e ao ambiente no qual estamos nos comunicando. Essas habilidades com a língua (ou línguas) que dominamos são explicáveis, pois língua e sociedade, como explica Faraco (2016), mantêm relações estreitas:

As línguas estão intimamente atadas às dinâmicas histórico-políticas e às construções imaginário ideológicas das sociedades em que são faladas. Em outros termos, as línguas não existem em si e por si; elas não são entidades autônomas – as línguas são elas e seus falantes; elas e as sociedades que as falam. (FARACO, 2016 p. 9)

Considerando-se as relações entre língua e sociedade salientadas por Faraco, é fácil compreender que as línguas mudam constantemente, já que seus falantes também mudam. Dessa maneira, a língua muda para continuar funcionando e funciona porque muda, como demonstra Biz-zocchi:

Dialeticamente, a língua muda para conservar-se e só se conserva na medida em que muda. Da mesma maneira como uma casa somente se conserva através do tempo na medida em que passe por periódicas reformas, a língua precisa adaptar-se constantemente às necessidades comunicativas da comunidade falante. Se não mudasse, isto é, se não se adaptasse a uma realidade social sempre nova, em pouco tempo a língua estaria totalmente divorciada da sociedade a que deveria servir. Nesse sentido, podemos dizer que a língua evolui porque funciona e funciona porque evolui: é o uso da linguagem que produz sua mudança e é esse permanente mudar que garante a continuidade de seu funcionamento. (BIZZOCCHI, 2017, p.1)

Corroborando a fala de José Saramago, apresentada como epígrafe no início deste capítulo, o linguista Marcos Bagno diz:

Nenhuma língua, enquanto tiver gente falando ela, pode resistir às mudanças que ocorrem em suas estruturas com o tempo. Assim, passados 500 anos, tanto a língua de cá, quanto a de lá se modificaram, cada uma delas numa direção, exibindo diferenças nessas mudanças, fazendo opções diferentes, escolhas diferentes. E a tendência é à diferenciação sempre maior com o decorrer do tempo (BAGNO, 2001 p. 172)

As falas destes autores fazem refletir sobre a identidade própria que a língua portuguesa assumiu em solo brasileiro. Ao ser trazida para o Brasil, a língua portuguesa passou a ser regida por mecanismos culturais diferentes daqueles de Portugal e conseqüentemente se transformou. O Brasil, esse vasto território com mais de 204 milhões de pessoas – segundo dados do IBGE/2014 –, já não utiliza a mesma língua daquele que um dia foi seu colonizador. Expressões nas mais diversas esferas da língua foram criadas e recriadas e dentre todas essas “criações” brasileiras está a forma retroflexa do fonema /R/, elemento fundamental para esta pesquisa. Reconhecer a legitimidade da retroflexão do fonema /R/ na língua portuguesa brasileira é reconhecer as contribuições da cultura indígena para a formação da língua portuguesa no Brasil e, além disso, ter consciência de que cada povo que imigrou para o território brasileiro influenciou na língua falada no país. De acordo com Bagno (2001),

Reconhecer a existência de um português brasileiro é importante, sobretudo, para que a gente comece a ver e ouvir nossa língua com os nossos próprios olhos e ouvidos, com olhos e ouvidos de brasileiros, e não mais pelo filtro da gramática portuguesa de Portugal, como tem sido feito há séculos. É não querer ocupar um lugar que não é nosso: o lugar de colonizador, para quem tudo que é diferente de si mesmo merece o rótulo de “primitivo”, exótico, bárbaro, “selvagem” etc. (BAGNO, 2001, p. 176)

“Ver nossa língua com nossos próprios olhos e ouvidos”, como coloca Bagno, faz-nos enxergar que ela é nossa identidade e como tal, nossa língua conta nossa própria história. A presença da retroflexão do fonema /R/ na fala dos moradores das cidades pesquisadas, por exemplo, demonstra que por ali passaram os bandeirantes paulistas no século XVII e influenciaram nos usos linguísticos daquela região. Os mineiros do centro-oeste, por sua vez, assumiram elementos linguísticos característicos dos paulistas, como o /R/ retroflexo, por exemplo. Nada na língua, porém, é definitivo, portanto, ainda que os mineiros tenham se identificado com o dialeto paulista, nada impede que razões diversas façam com que as “heranças linguísticas” sejam substituídas por outras escolhas dos falantes. As mudanças acontecem, porque como já exposto por este trabalho, língua e sociedade são indissociáveis.

A situação observada nas cidades pesquisadas – Itaguara (MG) e Itaúna (MG) – corrobora a ideia laboviana de que língua e sociedade são indissociáveis. Se em Itaúna (MG) a retroflexão do fonema /R/ se mantém mais preservada na fala dos moradores, em Itaguara (MG) a situação não é a mesma. As diferenças em relação ao uso do fonema nas duas cidades, que, como já dito anteriormente, mantinham relações de dependência – Itaguara (MG) era distrito de Itaúna (MG) –, podem ser explicadas através das próprias condições sociais de cada uma delas. Itaguara (MG) é uma cidade pequena, com poucos habitantes – 13.172 (IBGE 2015) – sem grandes recursos ou oportunidades para os mais jovens, principalmente. Não há, por exemplo, IES em Itaguara (MG), o que faz com que os jovens precisem deixar a cidade para construir suas carreiras profissionais. Em conversa com os moradores da cidade, percebe-se que o destino preferido dos itaguarenses tem sido a capital mineira, Belo Horizonte. Muitos dos moradores, inclusive, relataram ter casa em Belo Horizonte e “viverem na estrada” entre Itaguara (MG) e Belo Horizonte. Vale salientar que Itaguara (MG) fica a uma distância bem menor de seu antigo distrito Itaúna (MG) do que de Belo Horizonte (MG). São 57, 5 km de Itaguara (MG) a Itaúna (MG), enquanto a distância entre Itaguara (MG) e Belo Horizonte (MG) é de 97,2 km. Percebe-se, portanto, que o que leva os moradores de Itaguara (MG) a irem para Belo Horizonte não é a pequena distância, mas provavelmente outras oportunidades encontradas por ali. Fato é que essas relações entre Itaguara (MG) e Belo Horizonte (MG) vêm fazendo com que itaguarenses produzam bastante as variantes fricativas glotais (vozeada e desvozeada) do fonema /R/.

Itaúna (MG), por sua vez, é uma cidade de médio porte – sua população é estimada em 91.453 (dados do censo IBGE 2015) – e bastante autossuficiente, o que faz com que seus jovens (ou pelo menos a maioria deles, ao contrário do que acontece em Itaguara, MG) não precisem procurar outra cidade quando decidem investir em sua carreira profissional. A permanência dos jovens na cidade faz com que os traços linguísticos sejam preservados, principalmente os mais característicos.

Este trabalho, ao analisar os dados dos *corpora* de Itaguara (MG) e de Itaúna (MG), considerou que:

– De acordo com a procedência geográfica dos sujeitos (ver Tabela 20), verificou-se que há um número maior de ocorrências em Itaúna (MG), se se considerar o retroflexo (504) e apagamento (936), em relação a Itaguara (MG).

– De acordo com o gênero dos informantes (ver Tabelas 21 e 22 e Gráfico 5), o número de ocorrências se deu da seguinte forma: em Itaguara (MG) predominaram os dados entre os homens (1.151) e em Itaúna (MG) predominou-se os dados entre as mulheres (970).

– Destacou-se, ainda, que, em Itaguara (MG), os homens realizaram mais o retroflexo (272) e, também, o apagamento (604).

– Por sua vez, o apagamento em Itaúna (MG) ocorreu com mais frequência entre as mulheres (546), enquanto que o retroflexo, como em Itaguara (MG), ocorreu com mais frequência entre os homens (273).

Como se vê, este trabalho não se fecha aqui, mas pode ser ampliado, inclusive, incluindo-se outras localidades mineiras em que o fonema linguístico em questão se verifica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Dois momentos do /ɹ/ retroflexo em Lavras MG: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas linguístico do Brasil. In: *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 8, p. 125-142, 2011.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora “O livro”, 1920.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BIZZOCCHI, Aldo. *Fatores de mudança e variação linguística*. Disponível em: <<http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo3.asp>> Acesso em 8 dez. 2017.

DUARTE, Paulo. *Amadeu Amaral*. São Paulo: Hucitec / Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LEITE, C. M. B. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. Dissertação de Mestrado em Sociolinguística. (Universidade Estadual de Campinas). Campinas: UEC, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994 [1972].

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].